

Se alguém vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema.

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

Não creaes a todo o espirito, mas provae se os espiritos são de Deus; porque já muitos falsos prophetas têm vindo ao mundo.

1.º S. João IV, 1.

Prégai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15

FOLHA EVANGELICA

III ANNO

PORTO, 20 DE MAIO DE 1880

NUMERO 20

O DOMINGO

No dia 9 de março teve lugar em Manchester, uma reunião publica promovida por uma associação estabelecida para defender a sanctificação do domingo. Assistiram ministros de diversas igrejas evangelicas, entre elles o rev.º dr. Pope, lente em theologia do collegio theologico de Didsbury. Do seu notavel discurso extrahimos os seguintes trechos.

«Ha alguns que deshonram o dia tirando-o do lugar onde Deus o collocou, e relegando-o à cathgoria da ordem ecclesiastica—isto é, tiram-no do decalogo para o metterem no calendario. E por uma anomalia curiosa, á qual acaba de referir-se o presidente, aquellas pessoas, ou pertencam á igreja oriental, romana, lutherana, ou anglicana, encontram-se por toda a christandade continental começando a observancia do domingo na vespera, apresentando a Deus o seu culto mais solemne na manhã do dia, e assim que acabam com esse culto, entregam-se a toda a qualidade de divertimentos. Não foi essa a festa que o Salvador nos deu pelo seu exemplo. O primeiro dia de descanso christão que Elle instituiu e guardou foi cheio, desde a manhã até á noite, de devoção e boas obras feitas em beneficio dos homens, e temos evidencia de sobejo de que acontecia o mesmo para o fim do tempo do Novo Testamento e na igreja primitiva.

Ha outros que tambem estão longe de comprehenderem o domingo. Querem roubar-lhe o seu aspecto aprazivel, e tirar-lhe a sua belleza, esquecidos de que ha uma distincção entre o velho pacto e o novo, e que a severidade da instituição original foi muitissimo moderada pelo meigo Senhor, pois Elle tirou-lhe todos esses penosos ritos e ceremonias que lhe tinham accrescentado, e que, na bella linguagem de S. Matheus o velho sabbado «amanheceu brilhantemente» para o primeiro dia da semana.

Se queremos que o povo venere o dia de descanso, se queremos que o guarde por convicção e que o ame como deve ser amado, é mister lembrarmos e lembrar constantemente a elles que é o dia dedicado á commemoração do acontecimento mais bemdito que jamais teve lugar em todo o universo, e deve ser occupado unicamente desde o principio ao fim pela sanctidade e o regosijo d'um devoto serviço prestado Aquelle que nos fez tão infausto beneficio

É porém possivel alegrarmos-nos na nossa superioridade sobre todas estas opiniões erradas, e comtudo

erramos n'outro sentido. Talvez a maioria dos christãos imagine que o Salvador remittiu em geral o rigor da lei sabbatica, que deixou a observancia do dia á descripção e convicções particulares, e por consequencia dividem o tempo entre devoção e descanso, adoram e descansam como muito bem lhe apraz. D'esta maneira militam contra o dia pela falta de coherencia entre a sua theoria e a pratica, esquecendo-se de que o proprio descanso do dia tem por fim o culto. Os argumentos que costumamos usar são fortissimos, mas parece que estavamos tão acostumados a usal-os que deixamos de sentir a sua força indissivel.

Tomemos, por exemplo, a declaração do Salvador, de que não vinha destruir a lei, mas cumpril-a.

É-nos muito familiar, mas consideremos a fundo o que significa. Veiu Elle ao Monte das Beatitudes, onde reiterou a antiga lei. Expandiu-a infinitamente em todos os seus ramos, e em seguida condensou-a n'um principio de amor, mas não lhe destruiu nem um só i nem um til. Se n'algum sentido a removeu, mitigou ou substituiu, foi para que renascesse e fosse glorificada sob outra fórma na sua dispensação. De certo que deve ser este um principio fixo com respeito a todos os preceitos do decalogo, e tremieramos por qualquer homem que deliberadamente e com os olhos abertos dissesse que o nosso Legislador eliminou todos os dez mandamentos e livrou a humanidade da sua observancia.

O Senhor aboliu todo o velho pacto, mas de tal modo que nol-o restaurou d'uma forma mais gloriosa.

Haviam tres ordenações, das quaes podia dizer-se que eram signaes entre Deus e seu povo.

Uma d'ellas era a circuncisão, e esta aboliu de tal maneira que reaparece no baptismo obrigatorio.

Não disse, nem deu a entender, que a abolia, mas é bem sabido que assim o fez, pois trocou a circuncisão no oitavo dia pelo baptismo em qualquer dia.

A segunda grande ordenação do pacto era a Paschoa, outro signal entre Deus e o seu povo. Nosso Senhor nunca disse que a abolia, mas aboliu-a, e a ultima que Elle mesmo celebrou transformou-se nas suas mãos em Ceia do Senhor. Sendo uma ordenação de obrigação perpetua.

Da mesma maneira exactamente mudou a ordenação sabbatica da qual disse Ezequiel a Israel. «Santificae os meus sabbados, para que elles sejam um signal entre mim e vós, e para que saibais que eu sou Senhor vosso Deus.»

Os antigos theologos escosesses trataram bastante d'este principio, e todos aquelles que desejam defender esta instituição devem imital-os sustentando que o dia de descanso é um signal de pacto, e que Nosso Senhor o aboliu, só como aboliu os outros dois signaes. No sabbado foi a Nazareth e n'esse mesmo dia prégou o seu primeiro sermão immortal na synagoga. Guardou o dia antigo sempre até ao fim. Da sua santificação solémne em Jerichó foi direito á cruz. Deixou no seu sepulchro o velho sabbado, o qual resurgiu com elle no terceiro dia, para ser o primeiro dia para sempre. Encontrou-se repetidas vezes com os seus discipulos durante esse dia, e á noite apresentou-se no meio d'elles quando estavam solememente reunidos.

A segunda vez que se reuniu com elles foi depois de oito dias, na volta do dia do Senhor. Fez, pois, pelas suas acções como se tivesse dito:

«Fique o velho sabbado no meu sepulchro, e o novo sabbado seja agora signal entre mim e vós; o dia primeiro da semana commemore a minha resurreição e a nova criação do genero humano,

Ainda resta outro lugar ao qual costumamos appellar. Sentimos, por ventura toda a força de expressão quando se diz: «O Filho do homem é Senhor tambem do sabbado? (S. Marc. II, 28). Os que conhecem bem os Evangelhos perceberão que só n'este lugar se chamou Jesus *Senhor* de qualquer coisa. Não me lembra de que Elle jamais dissesse de outra coisa em todo o universo, «eu sou Senhor d'isso», alem do sabbado. Só uma vez se chamou a si proprio—Filho de Deus—e só uma vez disse, «sou Senhor do sabbado.»

E que significa isto? Podemos suppôr que aquella augusta palavra podia ser usada por nosso Salvador com referencia a uma instituição que Elle ia destruir? É Christo Senhor de vivos e de mortos como um que os devia abolir? Se Elle se digna conceder a sua protecção especial a alguma coisa no universo, não será para mostrar-lhe o seu amor, para honral-a, para exaltal-a, e tornal-a permanente?

De certo que sim! Notamos que todos os Evangelistas menos um tem o cuidado de repetirem as proprias palavras. Elles não accordam em consignar senão os acontecimentos mais importantes: o baptismo de Jesus, a tentação, a transfiguração, a morte e a resurreição. Vaguêam á vontade; um colhe um facto, outro narra outro, e assim vão tecendo o vestido inconsutil do seu Mestre. Mas estes escriptores, quando são pronunciadas palavras importantes, todos convergem e concordam, e eis aqui um d'esses casos.

Lêde-o vós mesmos, e sabereis que cada um d'elles teve o cuidado de consignar que o Senhor do sabbado era o «Filho do homem,» isto é, o protector dos interesses humanos, o Senhor e defensor de tudo que é essencial ao homem, quem provê á necessidade do homem, e não quer que seja defraudado de nenhuma coisa que Deus lhe deu como sua original herança e direito de primogenitura. O Filho do homem é o protector dos direitos naturaes do homem, é o Senhor. Mas o facto de Elle ser Senhor do sabbado é geralmente citado para enfraquecer a obrigação da observancia como se Elle mostrasse o seu dominio diminuindo e obrigando até tirar-lhe a força de lei.

Mas não foi assim, pois os proprios casos citados afim de fugir ao rigor da instituição, se forem bem estudados, restabelecerão a sanctidade do dia mais do que se não tivessem acontecido.

Quando o Salvador foi arguido pelos phariseus, ap-

pellou, como sempre, ás Escripturas do Velho Testamento, e disse-lhes que em tempo de necessidade era permitida uma mitigação, e então citou outra passagem dos prophetas para demonstrar que Deus antes quer misericordia do que sacrificio, e que se tivessem conhecido o seu sentido, não teriam condemnado o innocente. Temos pois, todos, a liberdade de gozarmos todo o dia inteiro como se estivessemos na sua presença e da maneira que Elle permitiria na sua ausencia. Não peccaes contra Elle cumprindo os deveres communs da vida, vestindo-vos decentemente, e até com aceio, e sentando-vos á mesa para desfrutardes a sua liberdade. O Senhor do sabbado sentar-se-ha comvosco e se regosijará comvosco, fazendo-vos do dia de descanso uma perpetua alegria se assim o honrardes, e permittirá que despeçaes d'elle todos os rigores desnecessarios que o rabinismo lhe infundiú e que Elle constantemente repudiou.

Mas não é uma necessidade da vida ir aos lugares mencionados na proposta. Não é necessidade entrar nas espeluncas onde os homens afogam a razão, aviltam-se e tornam-se incapazes de receberem uma benção do ceo. Não é uma necessidade ir ver magnificos quadros como o era passar pelas cearas e arrancar as espigas para matar a fome. Pode ser alimento para o intellecto e a imaginação mas não é uma necessidade da vida, nem uma a favor da qual são suspensos os rigores do dia sanctificado.

Tambem diz o salvador a respeito do culto. «Não sabeis que nos tempos antigos os sacerdotes no templo profanavam o Sabbado e ficavam innocentes?»

O nosso Mestre não nos prohiu trabalharmos no seu serviço em dia sanctificado. Uma vez, como nos diz S. João fez um milagre, um que devia ter commovido cada coração em Jerusalem. Porém os judeus murmuravam do facto dizendo: «profanou o sabbado fazendo isso.» E então o Senhor do sabbado se pôz em pé diante d'elles e disse. «Meu Pae quebranta o sabbado: Elle até agora não cessa de obrar, e eu obro tambem incessantemente: Elle descansou no principio. «A sciencia com todas as suas investigações audaciosas não tem encontrado provas na historia humana de que Deus não cessasse de crear conforme Elle mesmo o declara. Mas Deus tem obrado sempre pela providencia e pela revivificação, e o Salvador do mesmo modo obra no dia de descanso e o seu povo com Elle nas obras de revivificação e juizô espiritual. Mas não ha nem revivificação nem discernimento espiritual em fazer a vontade ao povo dando-lhes alimento meramente intellectual ao dia do Senhor. Sei que os museus, as gallerias de pintura e os jardins educam,—e que é impossivel familiarisarmo-nos com os thesouros da arte e as exquesitas maravilhas da tela sem experimentar-mos as suas tendencias elevadoras, mas esta educação não é para o dia do Senhor. Ha para isso outros dias: o sabbado christão é dedicado ao refrigerio da alma humana. Examinando o Novo Testamento, colhemos que o dia era celebrado sempre como uma festa da redempção cumprida, como um descanso sanctificado n'esta vida, e como uma anticipação do descanso eterno.

Tem sido empregado contra nós um argumento tirado do silencio da Escriptura sobre esta materia. Mas ha o mesmo silencio e as mesmas informações para muitas outras coisas essenciaes. Se não fosse a Epistola aos Corinthios e uma ou duas outras passagens no Novo Testamento dir-se-hia que a Paschoa foi abolida sem ter coisa que a substituísse.

Ha indícios que mostram que o dia de descanso era guardado como nós o guardamos e desejamos sempre guardal-o. Lêmos, por exemplo, que os christãos se reuniam no primeiro dia da semana para partir o pão.

S. Paulo indica aos Corinthios o primeiro dia como tempo proprio para deixar de grangear riquezas e arrecadar o que podiam dar ao Senhor em beneficio dos pobres.

S. João foi arrebatado pelo Espirito em dia de domingo. Quanto mais cuidadosamente lêmos o Novo Testamento, tanto mais profunda será a nossa convicção de que ha um dia como este entre as instituições permanentes do christianismo, que deve ser consagrado inteiramente ao Senhor, e que todo o recreio ou prazer que procuremos n'esse dia deve ser tal que Elle permitta e approve.

Ha tres instituições dominicaes a saber: a casa do Senhor, a ceia do Senhor, e o dia do Senhor, e estão indissolúvelmente ligadas na mesma unidade. Devemos guardar as entradas da casa do Senhor, que é a sua Igreja, e os mysterios dentro d'ella defendendo o seu dia.

Opinião de Napoleão I, sobre Christo

«Christo falla, e logo as gerações se unem a elle por laços mais estreitos e mais fortes que os do sangue, pela mais sagrada e indissolúvel das uniões; accende a chamma de um amor que consome seu proprio amor e que prevalece sobre todas as mais espécies de amor.»

«Neste assombroso poder de sua vontade, reconhecemos o verbo que criou o mundo.»

«Os fundadores de outras religiões jámais tiveram idéa deste amor mystico que é a essencia do Christianismo e bellamente chamado caridade.»

«Em consequencia todos têm naufragado. E em todos os seus esforços para realisar este facto de *fazer-se amado*, o homem sente profundamente sua propria impotencia.»

«De maneira que, o maior milagre de Christo é, sem duvida, seu reino de caridade.»

«Elle foi o unico que pôde elevar o coração do homem, ás cousas invisiveis e que o induziu a sacrificar as cousas temporaes.»

«Elle é o unico que, estimulando-o por sua influencia a este sacrificio, formou uma liga de união entre o céu e a terra.»

«Todos, que nelle crêem sinceramente, provam este amor tão sublime, sobrenatural e milagroso, que está fóra do alcance do poder da habilidade do homem; um fogo sagrado trazido á terra por este novo Prometeo, cujo poder o grande destruidor—o tempo, não pôde quebrar nem limitar sua duração.»

«Quanto mais penso n'isto, mais me admiro e mais me convenço absolutamente da divindade de Christo.»

«Tenho inspirado tanta amisade em uma inficidade de individuos, a ponto de morrerem por mim.»

«Mas Deus me livre de comparar o enthusiasmo do soldado com a caridade christã, que são tão distintos como suas causas; porque além de tudo, era necessaria a minha presença, era necessario o fogo de meus olhos e uma palavra de minha bocca para atear o fogo sagrado em seus corações.»

«Realmente passou o segredo deste poder magico, que transporta e eleva a alma, mas nunca o pude repartir com ninguem.»

Nenhum de meus generaes o aprendeu de mim; nêem passou o segredo de perpetuar meu nome, nem o amor nos corações dos homens, nem conseguir outros fins sem meios physicos.»

«Agora que estou em Santa Helena, agora que estou só, preso nesta rocha, quem peleja por mim e me ganha imperios?»

«Quem ha que participe de meus infortunios? Onde um que me siga?»

«Quem na Europa advoga a minha causa? Quem me é fiel? Onde estão meus amigos?»

«Só, dous ou tres dos que estaes immortalizados por esta fidelidade, participaes do meu captiveiro, e o fazeis menos penoso.»

Aqui o imperador fez pausa; a sua dôr era grande. Dirigindo-se a seu general Bertrand, continuou:

«Se a minha vida brilhou com todo o luzimento de um diadema e de um throno, a tua Bertrand, reflectiu este brilho, como a cupula dos «Invalidos» dourada por mim e reflectindo aos raios do sol. Mas vieram os desastres, o dourado pouco a pouco perdeu seu brilho, tornou-se opaco, e agora todo o seu brilho desapareceu com a chuva da desgraça e do ultrage, com que continuamente me atiram. Agora não sou mais que uma ossada: logo estaremos na sepultura, general.»

«Tal é a sorte dos grandes homens. Tal foi a de Cesar e Alexandre: eu tambem sou olvidado e o nome de conquistador e de imperador é thema de conversa entre os meninos de escola! Nossas victorias são contadas aos rapazes na escola por seus mestres, que umas vezes nos julgam bem e outras nos censuram!»

«Quão diversas as opiniões a respeito do grande Luiz XVI.»

«Apenas tinha morrido, ja o grande rei era desejado, e, só no palacio de Versailles, era abandonado por seus cortezaões, e talvez objecto de mofa. Era um cadaver n'um ataúde, presa de asquerosa putrefacção!»

«Vê, Bertrand, o que me vae succeder. Assassinado pela oligarchia ingleza, morro antes do tempo e o meu cadaver tambem volverá á terra para servir de pasto aos vermos.»

«Tal é a proxima sorte do grande Napoleão.»

«Quão immenso é o abysmo que medêa entre a minha extrema miseria e o reino de Christo, que se proclama, se ama, se adora e se estende sobre a terra! Será isto morrer? Não, é bem viver. A morte de Christo é a morte de um Deus.»

O imperador se deteve e, como Bertrand conservou-se silencioso, continuou, dizendo:

«Não crês que Jesus Christo é Deus? Então fiz mal em fallar-vos d'elle, general.»

Retribuição providencial

Sómente dezeseite annos haviam passado depois da matança de S. Bartholomeu, quando todos os auctores dessa tragedia eram já mortos, e todos, com uma unica excepção, morreram violentamente.

Carlos IX, atacado por uma enfermidade terrivel, expirou em tormentosa agonia.

O duque de Guise foi assassinado no castello de Blois; e o povo deu pontapés em seu cadaver, como elle os havia dado no de Coligny.

O cardeal de Lorraine foi assassinado no carcere, e Henrique III, em sua propria tenda pelas mãos de um monge.

Catharina de Medicis morreu no castello de Blois, dois dias depois do assassinato do duque de Guise, tão despresado como se fôra a mais miseravel campo-neza da França? e quando morreu não fizemos mais caso della, diz Ettoile, do que de um cabra morta. »

Viveu para vêr o fracasso de todos os seus projectos, o castigo de todos os seus companheiros no crime; e para ver a sua dinastia, que havia procurado cimentar por meio de tantas intrigas e crimes sangrentos, em vespera de ser extinguida.

E afinal, desceu ao sepulchro, no meio das exerações de todos.

« Achamo-nos, disse um sacerdote romano quando annunciou a sua morte á sua congregação, em grande difficuldade a respeito desta mulher, porém, se algum de vós outros deseja por caridade dedicar-lhe uns Padre-nossos ou Ave-Marias, pôde faze-lo. »

REPRESENTAÇÃO

Na sessão da camara dos snrs. deputados, de 4 do corrente mez, o illustre e digno deputado por um dos circulos d'esta cidade, o Ex.^{mo} Sr. Rodrigues de Freitas, mandou para a meza a representação que abaixo publicamos, a qual s. ex.^a acompanhou das seguintes palavras:

« Mando para a mesa uma representação do ministro e membros da igreja evangelica portugueza, congregada na cidade do Porto, que pedem ao parlamento os proteja no exercicio do seu culto religioso, e lhes assegure em cada um dos cemiterios parochiaes d'este reino sepultura aos cadaveres de individuos da sua crença e rito, como é de lei.

Os supplicantes referem os factos que os obriga a fazer tal pedido.

Em março do anno passado falleceu em Oliveira, concelho de Gaya, um mancebo d'esta igreja, o qual, sem opposição da auctoridade, pelo contrario com assentimento d'ella, foi sepultado no cemiterio parochial; porém, mais tarde em novembro, já não foi permittido um enterramento n'outra freguezia do mesmo concelho; ou antes, se o administrador o ordenou, o governador civil entendeu que devia dar contra ordem, segundo se diz na representação, e por isso o enterramento não pôde ter logar no cemiterio parochial.

Os supplicantes dirigem-se á camara dos senhores deputados em phrases muito respeitadas e em nome da lei que foi violada; os factos que allegam são sufficientes para chamar não só a attenção do parlamento, mas tambem a do governo; ao ministerio compete dar ordens, para que os direitos d'estes individuos, que são portuguezes, embora não catholicos, sejam respeitados; e que os membros da igreja evangelica possam ter sepultura nos semiterios publicos, embora em logar differente d'aquelle onde são sepultados os membros da igreja romana.

Á representação está escripta em termos convenientes; e se v. ex.^a entender que pôde ser publicado

no *Diario da camara*, peço que consulte a assembleia a este respeito (1).

Senhores Deputados da Nação Portugueza

O ministro e membros da Igreja evangelica portugueza, congregados na cidade do Porto, vem humilde e respeitadamente queixar-se-vos dos aggravos, que estão soffrendo em sua fé e disciplina, e reclamar a observancia das leis, a cuja sombra teem direito de poderem subsistir e funcionar.

Com quanto, na sã sociologia, a fé seja fructo exclusivo da consciencia individual e o seu immenso vigor tenha feito cançar primeiro que a constancia de suas victimas a tyrannia de seus perseguidores, o amor maternal que transluz dos artigos 6.^o e 145.^o § 4.^o da Carta Constitucional d'esta monarchia e a lei humanitaria do registo civil estão tendo actualmente, e apenas com referencia aos supplicantes, interpretação diversa do seu espirito e da sua letra no Districto e Diocese do Porto.

Os supplicantes, christãos sinceros e addictos á simplicidade da Igreja apostolica, não lhes relevando suas almas a interpretação arbitraria do verbo de Jesus, nem seus corações o desamor da liturgia primitiva julgaram de seu dever religioso, por honra de Deus e gloria do divino sacrificio do Golgotha, afastarem-se de quaesquer communhões de crença estranhas ou oppostas á missão celestial do Divino Mestre.

Firmes, pois, em sua fé e confiados na protecção aliás bem explicita da legislação do seu paiz, os supplicantes, respeitando com maximo escrupulo as restricções consignadas nos já citados artigos da Carta Constitucional, constituiram a sua pacifica christandade, convencidos de poderem assim viver e morrer.

Mas, nem vida nem morte tranquillias; visto que, se, ao sahirem os supplicantes da sua casa de oração, os surprehende, ainda até hoje impunemente, a perseguição da intolerancia assalariada, ao sollicitarem sepultura para os seus mortos, essa intolerancia assume proporções tam illegaes como deshumanas.

Urge, por tanto aos supplicantes a necessidade de se queixarem; e, como n'estes aggravos de consciencia e offensas de leis seja manifesto o descuido das auctoridades locaes, os supplicantes veem directamente a vós, Senhores Deputados, pedir garantias para a fé religiosa menospresada e caução para o direito politico esquecido.

Quando porém, não possam ser immediatas as providencias por nós exigidas contra as assuadas e aggressões feitas aos supplicantes vivos, sejam promptas e energicas as que reclameis do Governo do Estado com respeito ao enterramento dos cadaveres dos christãos separados da Igreja romana, attento reservar-se para essas tristes occorrencias a maxima animadeverção de intolerancia facciosa.

Os cemiterios são propriedade dos Estados e não da Igreja; e o concilio tridentino, congregado expressamente por causa da separação da Igreja anglicana, tanto reconheceu a secularisação dos logares destinados á inhumação dos cadaveres, que, prevenindo tudo quanto podesse aproveitar á Igreja romana e dilatasse seu dominio e predomínio, não disse uma só palavra a tal respeito, limitando-se apenas á congregação

(1) A camara resolveu que fosse publicada

dos Ritos, em nome de Paulo v e Bento xiv, a impôr aos parochos a obrigação de benzer a cova, não o campo de seus mortos.

A benção geral dos cemiterios é, por tanto, não só um abuso destinado a colorir o desleixo dos parochos, que não acompanham os cadaveres dos seus fregueses até junto da campa, mas tambem um titulo illegal de inculcar direito inexistente de posse.

A legislação portugueza a este respeito desnecessario é cital-a por muito sabida e muito expressa: e, embora se lhe opponham as Portarias de 24 de janeiro de 1872 e 27 de maio de 1877, como sejam Portarias, essas não derogam leis.

Se, porém, a lei subsiste, infelizmente não se cumpre, como se prova pelos factos seguintes:

No cemiterio da parochia de Oliveira do Douro, concelho de Gaya, não ha lugar reservado para os não catholicos, na phrase das duas Portarias citadas, e todavia foi ali sepultado sem opposição alguma e segundo o ritual respectivo, o cadaver de Maria de Jesus, de setenta e quatro annos de idade, viuva, irmão na Igreja evangelica, fallecida no dia 11 de março de 1879; (*Documento n.º 1*) mas quando em 7 de novembro do mesmo anno foi mister sepultar no cemiterio da parochia de Mafamude, do referido concelho, o cadaver do irmão religioso dos supplicantes, Sebastião Ferreira, de 55 annos de idade, não foi possível, em presença da contra ordem do respectivo Governador Civil, que o mandou transportar para o muito distante cemiterio de Villa Nova de Gaya, oppondo-se á ordem do administrador do concelho, o qual, firmando-se no artigo 26.º n.º 4 do Decreto de 8 de dezembro de 1868, havia designado para o enterramento o cemiterio de Mafamude (*Documento n.º 2*).

D'esta arbitraria interpretação do disposto nas leis resulta, portanto, já o facto singularissimo de não receber o cemiterio de Oliveira do Douro, em 18 do presente mez, o cadaver de Ophelio, de 4 meses de idade, (*Documento n.º 3*) tendo recebido o de Maria de Jesus (*Documento n.º 1*), e todos quantos derem ensejo ás manifestações mais ardentes que zelosas da tal intolerancia, de que os supplicantes veem queixar-se.

Assim, pois, os supplicantes preferindo ser expulsos em quanto vivos a serem desacatados depois de mortos.

Pedem aos Senhores Deputados da Nação, a graça de protegerem os supplicantes no exercicio de seu culto religioso, e de lhes segurarem em cada um dos cemiterios parochiaes d'este reino, sepultura para os cadaveres dos individuos da sua crença e rito.

E. R. M.

Porto 29 de abril de 1880.

PADRE GUILHERME DIAS

Ministro da Igreja evangelica na cidade do Porto.

(Seguem-se noventa e cinco assignaturas).

HISTORIA

DO

SR. FELICIANO ESPERANÇA DA GLORIA.

X

O NEGOCIANTE Á NOITE NA EGREJA DO SANTO SEPULCRO

Era alta noite quando acabaram os preparativos para a viagem; mas, como Neandro nunca tinha ido á igreja do Santo Sepulcro e desejava vel-a antes de retirar-se de Jerusalem, os frades consentiram que a fosse visitar em companhia Schiller e Esperança. Schiller foi ao convento ás 2 horas da madrugada; e ás 3 passavam pelas ruas escuras, no meio das ruinas, levando apenas uma lamterna de papel das que alli se usam. O céu estava todo coberto por nuvens escuras; o calor que tinha sido abrasador durante o dia, continuava do mesmo modo, posto que soprasse um suave zephiro, cujo murmuro parecia um prolongado pranto sobre as desolações de Jerusalem.

Ao entrarem na igreja Esperança lembrou-se do modo porque n'ella se portara na sexta-feira maior; e arrependeu-se vivamente d'isso.

N'aquelle profundo silencio e na escuridão das capellas retiradas passearam, cada um occupado nas suas meditações; entraram no sepulchro, e ahi, de joelhos, com o coração palpitante e á luz da lampada de ouro, leram a historia da Paixão. De repente o clarão d'um raio allumiou todo aquelle immenso templo: seguiu-se o estrondo, e continuou a retumbar no alto do zimbório e na crypta.

—É um pequeno signal do poder do meu Salvador, disse Neandro, e Elle morreu por mim. Foi sepultado. Está sentado á direita da Magestade no céu. Quem temerá todo o furor dos homens e dos demonios quando cré em Jesus e confia no soccorro do filho de Deus?

Depois, com as mãos postas, os olhos fitos no céu, e a voz tremula, continou:

Jesus, Nazareno, Messias, que n'esta cidade fostes crucificado por meus paes e agora tendes todo o poder no céu e na terra, valei-me, fazei com que nunca mais vos escandalize, que não tema perdas, perseguições ou soffrimentos em vosso serviço, e que até á morte possa mostrar quanto vos amo, devo e confio.

Demoraram-se ahi por mais algum tempo absortos em suas meditações. Depois, devagar levantaram-se dos joelhos e foram para o calvario. Os relampagos e trovões continuavam; a chuva fazia grande ruido. Ao avistarem o grande crucifixo no calvario por meio da luz eclpsada pelas trevas, Esperança sentiu Neandro estremeecer e viu que empallidecera demasiadamente. Nada disse porém.

(Continua.)

NOTICIARIO

Os Pedintes

Sob esta epigrapha publicava ha dias a *Voz do Povo*, a seguinte noticia:

Assim se denominam uns sujeitos mal encarados e sujos, com a cabeça descoberta, e com sorriso hypocrita nos labios confrangidos, e vestindo uns balandras não menos sujos e rotos. Com a mão direita seguram a imagem de um santo qualquer, e com a esquerda um prato de folha de zinco, contendo algumas moedas de cobre e uma caixa de rapé.

Assim preparados, não são poucos aquelles que por ahi vemos todos os dias percorrendo com passos appressados as ruas do Porto. Entram em quasi todos os portaes, e puxando rigrosamente pelos cordões das campainhas que se agitam n'um tlintar vertiginoso, invocam ao mesmo tempo, com uma voz cavernosa arrancada á força dos pulmões, os santos para quem pedem.

Esmola pr'o Martele são Sabastiom, que os libre de fome, Peste e guerra!

Almas santas bemditas, quem se alembra das bemditas almas?!

Esmola pr'a santa Luzia milagrosa, pr'a le dar bista e quelaridade.

Pr'o milagroso Santo Antonio que nos livre das tentações do demonio!

Quem s' alembra do milagroso São Braz, adbogando da tosse d'esgana?!

Com estas e outras exclamações referentes a diversas santas, andam por ahi esses párias religiosicidas, que abandonam a religião e o trabalho honrado, para se entregarem a uma vida airada, mais vergonhosa para esta cidade de que para elles.

Na rua mettem as imagens á cara dos transeuntes e pedem muitas vezes com uns modos intimativos, como se aquelles a quem se dirigem sejam obrigados a ter devoção pelo sancto que apresentam. Quando o cambio lhes não corre, abespinham-se e tratam com palavras inconvenientes as pessoas que se negam a dar-lhes a esmola; porém se esta lhes cahe no prato então o caso muda de figura.

O devoto beija o sancto, depois do que se curva deante do pedinte, para receber d'elle uma pancadinha na cabeça dada com o pedestal do mesmo sancto.

O pedinte com um sorriso malicioso prosegue no seu grande sacrificio, talvez dizendo lá com os seus botões.

«O que este pateta merecia é que eu lhe quebras-se a cabeça com esta Santa Luzia, pr'a lhe dar «bista e quelaridade».

Convem fazer bem publica a maneira como os taes pedintes obtem os sanctos, em nome dos quaes exercem a sua arte, e comem os devotos, uns crentes e outros lórpas.

As imagens pertencem a algum adeleiro ou a alguma confraria.

Com o primeiro, elles, os pedintes, alugam a santa por uma quantia qualquer, e esta é maior ou menor segundo as virtudes do sarrafo alugado e o seu maior numero de devotos.

Com a segunda os pedintes avençam-se por um tanto, pagando logo ou dando fiador, depois do que lhe é confiado o madeiro negociado.

Ora os crentes, com a sua boa fé e ainda mais com os seus humildes cobres, alimentam inscientemente

uma sucia de individuos refractarios ao trabalho e amigos da boa vida.

Um dos taes que por ahi andam, abandonou o officio d'alfaiate, para se entregar á arte de pedinte. Chamam-lhe o «Zé da Boa vida».

E' muito natural que a policia não se tenha importado com esta especie de mendigos, os quaes, se não apresentam chagas no corpo, não deixam por isso de representar uma postulenta chaga social que é preciso curar não nos azylos de mendicidade, mas nas casas de correcção.

N'esta occasião em que o Porto reclama tantos melhoramentos materiaes, não será mau que tambem haja quem reclame melhoramentos moraes, acabando-se com umas certas coisas e costumes que envergonham e rébaixam uma cidade essencialmente trabalhadora, amiga do progresso e com fóros de civilisada.

O Senhor esquecido

No dia 30 abril pelas 6 horas da manhã, estando em S. Paio de Marelim um enfermo bastante grave, o parcho mandou tocar ao Senhor fóra. Os freguezes correm á igreja, e os empregados preparam-se com os paramentos; repicam os sinos, e eis que sae o referido parcho para ministrar o Sagrado Viatico ao afflicto enfermo, cantando o Benedictus. Chega proximo do leito do moribundo, ministra-lhe as preparações devidas, e quando vae tomar a Sagrada Particula, fica pasmado, porque não a encontra!! Então volta-se para os circumstantes e diz-lhes: Senhores, peço me acompanhem de novo á igreja, porque me esqueceu o senhor!!!! Isto não carece de commentarios.

Julgamos será facto unico—diz o *Amigo do Povo*.

Cabem-nos agora duas ou tres observações.

O Divino Mestre disse aos seus Apostolos (S. Math. xxviii, 20).

Eu estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos. A igreja Romana arroga-se a applicação exclusiva d'esta promessa. Como aconteceu, pois, que um «successor dos apostolos» podia ir cumprir um dos mais solemnes actos de seu ministerio sem ser acompanhado pelo Senhor?

O cumprimento da promessa depende do Divino Mestre ou do discipulo?

E a promessa significa o que diz, «todos os dias» ou subentende-se a condição: Quando vos não esquecerdes de trazer a minha presença comvosco?

Demais em S. Marcos cap. xvi, v. 20, que «depois da ascensão de Jesus, os discipulos prégarão em toda a parte cooperando com elles o Senhor.» O «discipulo», porem, de S. Paio de Marelim, entendeu que o Senhor não podia cooperar com elle senão de baixo da forma visivel e circular d'uma hostia, o que ao nosso vér é uma palpavel contradicção.

Mas admittindo que o fim do parcho era apenas administrar a sagrada Communhão, (acto muito proprio e que tornava indispensavel o uso do pão) porque não aproveitou o ensejo de seguir o exemplo do Divino Mestre, pedindo os *sobejos da ceia da véspera*, dando graças e partindo, e dando ao doente um elemento que de certo era tão proprio para elle como o foi para os doze apostolos? Porque tanto trabalho em voltar á igreja á procura de um genero que já ali existia com um formato differente, é verdade, mas com todos os essenciaes?

Na verdade, parece-nos este um caso de coar o mosquito e engulir o camelo:

OFFICIOS DIVINOS

PORTO—Largo do Coronel Pacheco—Todos os domingos às 10 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quintas-feiras às 7 horas da noite. Aula biblica nos domingos às 9 horas da manhã.

VILLA NOVA DE GAYA—Logar do Torne, ao pé do tunel—Todos os domingos às 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA—Egreja presbyteriana, rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart.—Todos os domingos às 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, às 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

No mesmo edificio, Egreja Presbyteriana Portuguesa, o Rev.º Manoel Antonio de Menezes.—Culto e pregação do Evangelho todos os domingos às 9 1/2 horas da manhã e 4 da tarde e todas as quintas-feiras às 7 horas da noite.

Aula biblica todos os domingos às 3 horas da tarde. Oração todos os sabbados às 7 horas da noite. Eschola dominical todos os domingos às 10 horas da manhã.

Na calçada do Cascão, 5, 2.º, todos os domingos às 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras às 7 da tarde. Aula biblica todos os domingos às 10 da manhã.

Egreja Evangelica, rua da Conceição á Praça das Flores. Todos os domingos às 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quintas-feiras á mesma hora.

Eschola dominical ás 10 horas da manhã.

Egreja Evangelica Episcopal Portuguesa, rua de S. Marçal. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 3 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras ás 7 1/2 da tarde.

ANNUNCIOS

RESPOSTA A' PASTORAL

DO EXC.^{mo}

BISPO DO PORTO

SOBRE O PROTESTANTISMO

PELO

PADRE GUILHERME DIAS

Á venda nas igrejas evangelicas do Porto e Villa Nova de Gaya.—Rua das Flores, 33; Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 10; e nas principaes livrarias d'esta cidade, Lisboa, Braga e Guimarães.

Preço 200 reis

DEPOSITOS DE TRATADOS E LIVROS

DEPOSITO, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

Lucilia ou a inspiração das escripturas, 324 pag.—100 reis.

Preservativo contra Roma, 128 pag.—50 reis.

A Joven Aldeana, 48 pag.—40 reis.

Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag.—20 reis.

Não se deve mudar de religião, 16 pag.—10 reis.

Erric, o criado russo, 16 pag.—10 reis.

O amigo da casa, 32 pag.—20 reis.

O amigo dos peccadores, 48 pag.—40 reis.

O livro dos livros, 56 pag.—40 reis.

Um homem que matava os seus visinhos, 23 pag.—30 reis.

Uma antigualha, 16 pag.—20 reis.

André Dunn, 77 pag.—40 reis.

Hymnos portuguezes, (1 vol. encadernado), 215 pag.—40 e 50 reis.

Devocionarios, 30 pag.—20 reis.

Evidencias do Christianismo, 76 pag.—50 reis.

Como devemos entender a Biblia Sagrada, 15 pag.—10 reis.

O menino da matta, 32 pag.—30 reis.

Jessica, 43 pag.—40 reis.

O Padre Jacintho, 16 pag.—10 reis.

A doutrina da Egreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag.—50 reis.

Biographia de Martin Boos, 188 pag.—80 reis.

Sou christão? como o posso saber? 92 pag.—60 reis.

O que é um sacramento? 44 pag.—20 reis.

O culto domestico, 48 pag.—20 reis.

Um homem que abalou o mundo, 80 pag.—15 reis.

Luz do Céu, 126 pag.—60 reis.

O que crêem os protestantes, 24 pag.—15 reis.

Como lê tu? 40 pag.—30 reis.

O culto publico.—O domingo, 20 pag.—20 reis.

O vigario de Christo.—O Calvario, 22 pag.—20 reis.

A Chamada.—A folha ensanguentada, 24 pag.—20 reis.

Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag.—20 reis.

Um livro maravilhoso, 12 pag.—10 reis.

O amor de Deus, 8 pag.—10 reis.

Os dois Guilhermes, 29 pag.—20 reis.

Trinta livrinhos, cada um, 7 pag.—5 reis.

Caminho de Deus para a paz, 150 pag.—50 reis.

«O Amigo da Infancia», sae cada mez; por numero 10 reis, (com lindas gravuras) e em volumes encadernados dos dois ultimos annos a 300 reis cada um.

Um sortimento de livros em inglez, a varios preços.

Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.

Do valor de 100 reis para cima, expedem-se estas publicações franco de porte.

Depositos onde se acham á venda
as Sagradas Escripturas

LISBOA—Janellas Verdes N.º 28.

PORTO—Egreja Evangelica, Largo do Coronel Pacheco.

MADEIRA—Rua da Queimada de Cima, 50.

N'estes depositos encontram-se as Sagradas Escripturas em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes, Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo—500 reis.

Idem, traducção de Almeida—500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo—100 reis.

Idem, traducção de Almeida—100 reis.

Psalmos, traducção de Almeida—50 reis.

Evangelhos, traducção de Almeida—20 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros com ricas encadernações, que se vendem por diversos preços.

FRAGANCIA INEXTINGUIVEL



Agua Florida de Murray & Lanman

O MAIS DELICIOSO, DURAVEL E HYGIENICO

DE TODOS OS PERFUMES

PARA

LENÇO, TOUCADOR E BANHO

PERFUME SEM RIVAL

Vende-se nas principaes pharmacias e lojas de perfumarias.

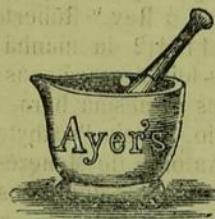
Agentes JAMES CASSELS & C.^a, rua das Flores, 130—PORTO.

OBSERVAÇÕES Á PASTORAL DO EX.^{MO} BISPO DO PORTO

Vendem-se nas egrejas evangelicas do largo do Coronel Pacheco, Villa Nova de Gaya e na relojoaria Almeida, rua das Flores, 33.

Preço 50 reis

PILULAS CATHARTICAS



DO DR. AYER

Para a prompta cura de prisão de ventre, hydropezia, reumatismo, dôr de cabeça que provém do mau estado do estomago, nausea, indigestão e toda a doença dos intestinos, perda de appetite, tudo o que necessita de um remedio purgante.

Vendem-se nas PRINCIPAES pharmacias e drogarias.

REFORMA

(FOLHA QUINZENAL)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

LARGO DO CORONEL PACHECO

CAPELLA EVANGELICA

PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.

Custo d'assignatura—(paga adiantada) Anno 240, semestre 120 reis: para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º e 2.º anno: para a cidade custa uma 240 reis, e para as provincias 250.

São agentes da REFORMA em Lisboa os Ill.^{mos} snrs. Manoel dos Santos Carvalho, calçada do Cascão, 5, 2.º — José Gregorio Bandouin—rua do Sacramento á Pampulha, 42 2.º—Alexandre José Alves, rua de S. Bernardo, 23, loja de mercearia.

EDITOR RESPONSAVEL—G. P. DIAS DA CUNHA

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66—Rua da Fabrica—66